

A PESSOA HUMANA DE FRENTE AO DESAFIO DO GÊNERO

Anevair José da Silva⁴

RESUMO:

O presente artigo pretende apresentar, de maneira geral, uma visão da ideologia de gênero, seus desafios e a buscar uma possível concepção antropológica que responda aos problemas levantados.

Palavras-chave: ideologia de gênero; antropologia tradicional; ética sexual.

INTRODUÇÃO

O artigo «L'ideologia del "Gender". Sfida all'antropologia e all'etica Cristiana», de Maurizio Pietro Faggioni⁵, apresenta contextualmente a problemática, muito debatida nos dias atuais, da *Ideologia de Gênero*.

A escolha dessa temática se deu, sobretudo, pelo interesse de aprofundamento sobre ela. Pode-se pensar que, após tantas ideologias ao longo da história da humanidade, hoje, em pleno século XXI, o mundo as tenha superado. Porém, a história atual testemunha que, sob formas diferentes, a ideologia de gênero afronta a fortaleza construída pelo mundo ocidental para proteger a família, o matrimônio, o direito à vida e se lhe apresenta como um grande desafio.

O presente elaborado se limita a algumas questões, não pretendo esgotar nem o alcance e nem o conteúdo da temática proposta. Certamente ainda restarão perguntas a serem feitas e respostas a serem dadas, a partir de sua leitura. Limita-se, portanto, a apresentar, de maneira geral, uma visão da ideologia de gênero, seus desafios, segundo o artigo em questão e a buscar uma possível concepção antropológica que responda aos problemas levantados.

⁴ Mestre em Teologia pela Pontificia Università Lateranense

⁵MaurizioFAGGIONI, «L'ideologia del "gender". Sfida all'antropologia e all'etica cristiana», in *Antoniano* 90 (2015) 385-401.

Pode-se entrever a contribuição desse trabalho na modesta posição de meio entre extremos aparentemente inconciliáveis. A antropologia tradicional e a ideologia de gênero possuem elementos positivos a serem considerados, mas ambas apresentam seus limites se consideradas isoladamente.

O objetivo é, portanto, de apresentar sucintamente o pensamento do Autor sobre a ideologia de gênero, bem como de, a partir deste, elencar questões antropológicas de grande relevância para a solução às perguntas que seguem: Qual é a essência da ideologia de gênero? Qual solução apresenta a antropologia cristã aos problemas suscitados por essa ideologia? Ambas as posições são conciliáveis ou se excluem totalmente? Estas são algumas questões, dentre outras que poderiam ser formuladas, suscitadas da leitura do texto.

As fontes utilizadas são o artigo em análise e alguns documentos do magistério da Igreja, a teologia do corpo de S. João Paulo II apresentada por Ives Semen e algum aceno ao teólogo Zizioulas.

A primeira parte, Um olhar de síntese, apresenta resumidamente o artigo analisado nos seus quatro pontos: uma nova antropologia e ética sexual; sexo e gênero entre natureza e cultura; a ideologia de gênero; questões justas. Respostas erradas. Utiliza-se, portanto, do método de resumo, extraindo do texto as ideias, conceitos e doutrinas fundamentais.

Num segundo momento, Aspectos antropológicos, buscar-se-á, através duma análise crítica apresentar uma síntese à tese (antropologia sexual tradicional) e antítese (ideologia de gênero). Utilizando-se do método comparativo-crítico, tece-se um comentário através do qual faz-se uma tentativa de relacionar ambas as posições.

UM OLHAR DE SÍNTESE

Na introdução do artigo, cumpre destacar a descrição (quase definição) que Faggioni (p. 384) dá para a ideologia de gênero que “consiste,
De Magistro de Filosofia – ano XI no. 23 – 2018

na substância, na negação da relevância antropológica das diferenças sexuais biologicamente definidas, em respeito às determinações culturais da sexualidade”.

O primeiro ponto abordado é: uma nova antropologia e ética sexual (p. 385-7). Antes de apresentar a superação do sistema normativo tradicional, o autor apresenta as suas causas. Numa visão sintética, mas não menos completa, se reporta ao fim do séc. XIX, afirmando que o modelo ocidental clássico de antropologia sexual, sobre o qual a Tradição tematiza a experiência moral cristã, sofre uma crise.

A concepção prevalente da sexualidade sofreu uma autêntica revolução por causas múltiplas e interconexas (cf. *ivi*): os progressos das ciências biológicas e as contribuições inovadoras das ciências humanas abriram horizontes interpretativos, antes inimagináveis. O modelo de compreensão tradicional passou a ser apresentado como uma lógica de poder e de repressão, imposto por convenção e autoridade.

A revolução sexual quer superar o sistema normativo tradicional e promove a exaltação da liberdade do desejo, a emancipação sexual e social da mulher, a crítica às estruturas familiares, a separação entre exercício da atividade genital e procriação.

Dentre alguns autores e obras que difundiram essas ideias no século XX, o autor escreve que “segundo Marcuse, em particular, depois da conquista das liberdades civis, ideal da Revolução Russa, as ulteriores metas serão a liberdade do trabalho, a liberdade da família, a liberdade da moral. A tarefa da Modernidade madura será, portanto, de desvincular a sexualidade humana do instituto familiar, ligado a convenções, ao sangue, ao controle social e dar plena liberdade ao implantar-se do eros, quebrados todos os tabus e proibições” (p. 386-7).

Faggioni observa que, no nosso tempo, a sexualidade é vivida autonomamente, privilegiando a subjetividade e a escala de valores do indivíduo, o seu bem estar pessoal, em respeito à finalidade procriativa.

Num segundo ponto, sexo e gênero entre natureza e cultura (p. 387-90), a sexualidade vem apresentada na sua relação estreita com a reprodução,

compreendendo um conjunto articulado de características histológicas, anatômicas, fisiológicas em estreita interdependência (p. 387).

A característica saliente da sexualidade humana vai além, conforme apregoa a abordagem moderna. Essa ressalta as dimensões interiores e subjetivas da sexualidade, já enunciadas pela psicologia analítica de Freud (1856-1939). Outros grandes contributos para a compreensão do desenvolvimento dos aspectos pessoais da sexualidade são dados pelos estudos de R. Stoller (1924-1991) e de J. Money (1921-2006).

Stoller foi o primeiro a focar a distinção entre sexo e gênero. Money, por sua vez, elaborou uma teoria sobre os fatores que determinam o desenvolvimento dos componentes fundamentais do sexo psicológico. Ele introduz as categorias de orientação sexual (se referem ao objeto do desejo erótico), identidade de gênero (a auto percepção de si mesmo como masculino ou feminino) e de papel de gênero (tudo aquilo que uma pessoa faz ou diz para indicar a si mesma ou aos outros a sua pertença a um sexo). Essa percepção está no centro do ser da pessoa e informa tudo o que ela faz.

Numa leitura crítica dessa teoria de gênero o autor consegue colher a sua intenção: sublinhar a origem e valor psicológico desses aspectos da pessoa, gênero evoca cultura, enquanto sexo sugere a natureza. Para Money, do ponto de vista psicológico, a sexualidade é indiferenciada ao nascer e se torna diferenciada no sentido masculino ou feminino no decurso da educação infantil, configurando-se como *imprinting* psíquico que se completa aos dois anos e meio de vida. Segundo Money, a identidade de gênero se desenvolve conforme ao sexo de criação.

O terceiro ponto do artigo, a ideologia de gênero (p. 390-5), ocupa a sua maior parte, o que indica ser o seu núcleo. À pergunta, se o sistema binário dos sexos é fruto de uma necessidade natural ou de uma construção social? A ideologia de gênero pretende que a natureza das diferenças entre o homem e a mulher e o sistema tradicional dos sexos sejam um produto exclusivo da cultura, tudo é construção.

Autores como M. Mead, Simone de Beauvoir e J. P. Sartre, sustentam que o homem não tem uma natureza dada, mas é liberdade, ele se

constrói. Tal tese foi amplamente abordada por Michel Foucault (1926-1984). Seus escritos salientam que a sexualidade humana é fruto de um processo de construção que se realiza na história.

O autor, após reconhecer que tais posições têm algo de positivo para as ciências humanas modernas, assinala para o fato de que a cultura marca a compreensão e expressão da sexualidade, mesmo que não a determine, porque a pessoa tem a sua complexidade ontológica que, por sua vez, não se reduz a uma simples construção cultural. Não se pode desvalorizar o sexo como realidade dada, fixa e estável em favor do gênero entendido como estrutura cultural flexível e que se desconstrói, dependente da liberdade do sujeito.

Tais posicionamentos encontraram amplo acolhimento, divulgação pelas mídias e assunção da parte da *queer theory* (hermafroditismo, travestismo, transexualismo). Essa ideologia vai a extremos como com a reivindicação da possibilidade de transplante de útero para sujeitos não biologicamente femininos.

Perguntas certas. Respostas erradas (p. 396-401). No último ponto abordado pelo autor nesse artigo, são apontados os problemas suscitados pela ideologia em questão: a exaltação do livre exercício da genitalidade fora das relações interpessoais, as intervenções de correção do fenótipo, a homologação dos comportamentos heterossexuais e homossexuais, o reconhecimento dessas uniões.

O autor apresenta, de maneira acurada, algumas críticas muito pertinentes, uma vez que a ideologia de gênero oferece respostas parciais e inadequadas a esses problemas e desafios, no entanto, fez com que a antropologia sexual tradicional revisse seu posicionamento.

Uma primeira crítica pode ser feita ao ligame exclusivo entre sexualidade e procriação, pois a antropologia sexual tradicional sublinhava o segundo aspecto. A atenção era dada prevalentemente sobre a função natural (capacidade procriativa) dos órgãos sexuais.

Outro aspecto da tradição antropológica sexual na mira da ideologia de gênero é a pretensa natureza das assimetrias de poder entre masculino e

feminino. A emancipação da mulher e seu protagonismo na sociedade soavam inaceitáveis e desastrosos, pois violaria a ordem natural querida pelo criador.

Um terceiro aspecto problemático é aquele com relação à homossexualidade. Sua reprovação é acompanhada por perseguições, exclusões sociais, marginalização e até mesmo a supressão física. A sensibilidade contemporânea, secular e católica, pede um reconhecimento sincero da dignidade e dos direitos dessas pessoas independentemente da sua orientação.

Essas instâncias, indica o autor, são resolvidas pela ideologia de gênero rejeitando o dualismo dos sexos, negando a natureza do instituto matrimonial, propugnando a liberação do eros de qualquer vínculo ético a não ser aquele do consenso. Os problemas a que a ideologia de gênero quer responder são autênticos, diz o autor, mas as soluções propostas são desastrosas, completa.

Os limites da ideologia de gênero estão na incapacidade de valorizar a totalidade da pessoa e a riqueza do seu ser, privilegiando de maneira redutiva alguns aspectos em detrimento de outros. O corpo é reduzido a um elemento que pode ser plasmado à vontade. O amor humano é separado da procriação como se a fecundidade fosse inimiga do desejo. Obscura-se e esvazia-se a diferença radical entre hetero e homossexualidade. A questão é antropológica, como se a sexualidade fosse construída, susceptível a desconstruções e releituras infinitas, sem levar em conta a complexidade da realidade.

A sexualidade deve ser compreendida num olhar de conjunto sobre a realidade humana, porque é a pessoa na sua integralidade ser sexuado, ao nível biológico, psicológico e espiritual. Não se pode prescindir do elemento corpóreo, compreendido no seu contexto histórico-cultural. A auto compreensão do próprio existir enquanto seres sexuados se configura como um processo de mediação e de unificação realizado pelo sujeito entre múltiplos elementos de diversas proveniências, naturais e culturais, físicas e psíquicas, cômicas e incômicas, necessárias e livres.

A antropologia personalista responde inclusivamente a essas instâncias suscitadas pela ideologia de gênero. A sexualidade apresenta um rosto plenamente humano quando assumida em relações livres entre pessoas humanas. Corpo e autoconsciência não se opõem, porque o corpo é revelação de Si e nele se antecipa um sentido de fundamental abertura à comunhão que a pessoa abraça livremente.

ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS

A questão antropológica, uma sua reta compreensão, está na base da discussão suscitada por este artigo. Afinal, seja a sexualidade tradicionalmente entendida, seja a ideologia de gênero atualmente em voga, apresentam duas concepções diversas do homem.

Para a antropologia cristã, o homem é imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), não somente pelo fato de ser um indivíduo racional, mas porque é criado para a comunhão relacional. Isso se expressa na sua constituição física, sexual e na sua constituição psíquica, todo o seu ser se orienta à comunhão. Adão exclama ao olhar para Eva: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne!” (Gn 2,23).

S. João Paulo II afirma que

o homem se tornou “imagem e semelhança” de Deus não só mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão das pessoas, que o homem e a mulher formam desde o princípio. A função da imagem está em espelhar aquele que é o modelo, reproduzir o seu protótipo. O homem torna-se imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão⁶.

A ideologia de gênero compreende o homem como uma realidade construída. Não tem uma natureza dada. Sua sexualidade é desvinculada das relações interpessoais. Essencialmente, se nega a relevância antropológica

⁶PAPA JOÃO PAULO II, AUDIÊNCIA GERAL, *Mediante a comunhão das pessoas o homem torna-se imagem de Deus*. Quarta-feira, 14 de Novembro de 1979. [sito ufficiale del Vaticano] [acesso: 26.11.2016].

das diferenças sexuais biologicamente definidas. Estas seriam determinadas pela cultura.

A compreensão antropológico-cristã da sexualidade alcançou uma maior maturidade sob a influência do personalismo. A posição de João Paulo II, acima abordada, a sua Teologia do Corpo, o Concílio Vaticano II, a recente exortação apostólica pós-sinodal do papa Francisco, *Amoris Laetitia* são-lhe um claro testemunho.

No entanto, a concepção da doutrina cristã sobre a sexualidade, outrora em vigor e ainda hoje muito presente, salienta, sobretudo, a sua ligação com a procriação. A sexualidade sempre foi vista como um tabu (proibido), na doutrina da Igreja e noutras religiões.

No segundo pós-guerra, com a teoria da revolução sexual de Wilhelm Reich, o tabu sobre a sexualidade sofre um forte ataque, essa revolução era apregoada como elemento de crescimento rumo à maturidade pessoal e coletiva. A cultura permissiva atual encontra aí seu apelo⁷.

Apesar do Antigo e Novo Testamento apresentarem, no seu conjunto, uma visão positiva da sexualidade⁸, na história da teologia, por influência de inúmeras correntes filosóficas, afirmou-se o complexo normativo da sexualidade em vista da procriação e o prazer da carne como sendo uma tentação.

Essa tese, desenvolvida ao longo de séculos, encontrará uma oposição (antítese), a partir da revolução sexual mencionada. A teoria de gênero é, por assim dizer, uma grande consequência dessa revolução, é um seu desenvolvimento até quase às suas últimas consequências, fazendo com que a sexualidade seja totalmente desvinculada do ser integral da pessoa (corpo, alma e espírito) e se torne um dado puramente subjetivo, eis um grande desafio para a antropologia.

A essa tese (antropologia tradicional) e antítese (ideologia de gênero), se deve chegar a uma síntese. O artigo analisado apresenta como

⁷ Cf. A. AUTIERO, «Sessualità», in *Nuovo Dizionario di Teologia Morale*, Francesco COMPAGNONI – Giannino PIANA – Salvatore PRIVITERA (edd.), San Paolo, Milano 1990, 1223.

⁸Cf. *ibid.*, 1225-1226.

síntese a antropologia personalista que inclui os elementos positivos da ideologia de gênero sem sobrepô-los aos elementos fixos da sexualidade, pois essa, no ponto de vista do autor e da doutrina da Igreja pós-concílio, atravessa toda a pessoa⁹.

Não se pode separar sexo (realidade estática segundo a ideologia de gênero) do gênero (construção cultural). Ambos são interligados, não são extremos em direção oposta, mas que confluem para a constituição da mesma pessoa. Um não deve ser sobrevalorizado em detrimento do outro, mas em mútua função. A sexualidade faz a sociedade, mas também a sociedade faz a sexualidade, conclui o Faggioni.

O artigo é um convite a ir além de cada doutrina, sabendo colher de ambas aquilo que é positivo para poder dar uma resposta plausível ao problema em questão. Assim, nem a desvalorização do sexo em detrimento da liberdade do indivíduo (gênero) e nem a desvalorização da sua liberdade em detrimento da sua função procriativa se apresentam como solução de uma madura antropologia.

No campo da antropologia e da ética sexual existem desafios e problemas reais, respondidos erroneamente pela ideologia de gênero, mas será que a Igreja responde de maneira suficiente a esses desafios?

Essa pergunta reclama aquela síntese tão necessária para se superar os elementos negativos presentes na tese e antítese. Para a antropologia personalista, aquela que a Igreja hodierna busca apresentar, a diferença entre os sexos, homem e mulher, é para a comunhão. Essa seria a síntese proposta à questão em análise. Tal comunhão não seria possível ser vivida em plenitude sem as diferenças que a ela se orientam:

Le sexe, avec tout ce qu'il signifie, n'est donc pas un attribut accidentel de la personne. Les partisans actuels de l'idéologie du « genre » s'opposent radicalement à cette perspective et

⁹«La persona umana, a giudizio degli scienziati del nostro tempo, è così profondamente influenzata dalla sessualità, che questa deve essere considerata come uno dei fattori che danno alla vita di ciascuno i tratti principali che la distinguono. Dal sesso, infatti, la persona umana deriva le caratteristiche che sul piano biologico, psicologico e spirituale la fanno uomo o donna, condizionando così grandemente l'iter del suo sviluppo verso la maturità e il suo inserimento nella società», in: CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *Dichiarazione su alcune questioni di etica sessuale. Persona Humana*, 29.12.1975, n. 1 (EV 5, 1717).

sont très actifs pour faire valoir leur position (...) Michel Schooyans, qui a particulièrement étudié l'influence de cette idéologie du genre dans les plus hautes instances internationales, affirme : 'comme les différences entre l'homme et la femme doivent être abolies, la masculinité ou la féminité inhérente à chaque individu n'a plus rien à exprimer de la personne. Au plan de l'individu, le corps est simplement un instrument de plaisirs diversifiés'¹⁰. Il ne reste donc que des «tendances» ou des orientations sexuelles, d'ailleurs contingentes et toutes également respectables. L'orientation sexuelle n'est que de l'ordre du détail par rapport à l'essence de l'humanité qui constitue un genre indifférencié à l'égard duquel la différence sexuelle n'est qu'une réalité biologique secondaire et même «superficiel». C'est une toute perspective que nous enseigne le récit de la Genèse: la différence sexuelle est constitutive de la personne et la définit de manière essentielle. Nous sommes homme ou nous sommes femme dans toutes les dimensions de notre personne car sinon nous ne pouvons pas être don. Nous sommes, homme et femme, de la même humanité, mais la différence sexuelle nous identifie jusqu'à la racine de notre être et nous constitue comme personne en nous permettant la complémentarité nécessaire au don de nous-mêmes¹¹.

À luz dessas afirmações, a antropologia personalista afirma que o homem e a mulher são imagem de Deus, para o dom e para a comunhão dos corpos, comunhão essa que é a plenitude e cumprimento da criação¹².

O tema da comunhão interpessoal, muito bem desenvolvido por Zizioulas¹³, apresenta-se como alternativa a uma antropologia individualista. Esta deveria se tornar o ponto comum de partida para uma releitura da antropologia sexual na ótica da comunhão interpessoal da trindade.

CONCLUSÃO

O percurso realizado permitiu um olhar panorâmico sobre a ideologia de gênero, uma melhor compreensão da sua essência como sendo uma

¹⁰ Michel SCHOYANS, *L'Évangile face au désordre mondial*, Fayard 1997, 46, cit. in : Yves SEMEN, *La sexualité selon Jean-Paul II*, Presses de la Renaissance, Paris 2004, 96.

¹¹ Cf. Yves SEMEN, op. cit., 95-96.

¹² Cf. *ibid.*, 96.

¹³ Cf. Ioannis ZIZIOULAS, «Comunione e alterità», in ID., *Comunione e alterità*, Lipa, Roma 2016, 1-14.

negação da relevância antropológica das diferenças sexuais biologicamente definidas.

Tal concepção não valoriza a corporeidade e salienta os aspectos subjetivo-psicológicos da sexualidade humana. O homem se constrói a partir dos elementos culturais que o circundam, não nasce determinado sexualmente.

A antropologia sexual tradicional, sobretudo a partir de Agostinho, reduz a sexualidade à sua função procriativa, não considerando elementos importantíssimos como a comunhão e outros aspectos psicológicos, uma visão insuficiente para explicar a complexidade da sexualidade humana.

Considerando a antropologia sexual tradicional como tese, a ideologia de gênero como antítese, chegou-se a uma síntese. O progresso das ciências biológicas e humanas permitiu uma maior compreensão da sexualidade humana a ponto de exigir uma antropologia que levasse em conta a pessoa na sua totalidade.

Um resultado do trabalho foi elucidar a resposta dada pela antropologia cristã aos desafios suscitados pela ideologia de gênero, poder-se-ia resumí-la no conceito de antropologia personalista, já presente no Concílio Vaticano II, e desenvolvido amplamente por João Paulo II.

A solução dessa antropologia personalista (síntese) está na conjugação dos elementos físicos, psíquicos e espirituais que comportam a sexualidade da pessoa e a atravessam por inteiro. Tais elementos não podem ser tomados isoladamente, mas estão em íntima relação.

O que permite dizer que antropologia tradicional e ideologia de gênero são inconciliáveis se consideradas isoladamente, mas ambas encontram seus elementos positivos comuns na antropologia personalista, a qual estabelece uma igualdade de dignidade entre os sexos, uma compreensão e acolhimento para com as pessoas com tendências homossexuais e uma abertura à vida.

Buscou-se salvaguardar um elemento essencial da antropologia tradicional, como a diferença entre os sexos mas, ao mesmo tempo, responder às questões propostas pela ideologia de gênero, apontando para a comunhão

entre as pessoas, elemento subjetivo que requer essa diferença, do contrário não se construiria uma comunhão autêntica.

Resta ainda responder a ulteriores questionamentos: a geração de uma nova vida não seria a realização dessa comunhão e alteridade, assim como o é no mistério da Santíssima Trindade? A comunhão a dois (alteridade) não poderia ser considerada um egoísmo a dois se não se abrir à procriação? A antropologia personalista é completa ou ainda requereria ulteriores complementos?

Algumas perspectivas se abrem no horizonte antropológico. Aprofundar a relação-comunhão-alteridade, por exemplo. Conjugar a importância da abertura à vida com a sexualidade. A sexualidade vista na dimensão da *libertas per*, realização humana do outro por mim para gerar o nós. O significado conjugal do corpo não apontaria para a complementariedade dos sexos?

Questões e perspectivas que se abrem a partir desse elaborado e que requererão ulteriores pesquisas no sentido de ampliar os horizontes e amadurecer a antropologia personalista.

ABSTRACT:

The present article intends to present, in a general way, a vision of the gender ideology, its challenges and to seek a possible anthropological conception that responds to the problems raised.

Keywords: gender ideology; traditional anthropology; sexual ethics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA, online, in www.bibliaon.com [site da Sagrada Escritura] [acesso 27.11.2016].

JOÃO PAULO II, AUDIÊNCIA GERAL, *Mediante a comunhão das pessoas o homem torna-se imagem de Deus*, Quarta-feira, 14 de Novembro de 1979. [sito ufficiale del Vaticano].

CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *Dichiarazione su alcune questioni di etica sessuale. Persona Humana*, 29.12.1975, n. 1 (EV 5, 1717).

AUTIERO A., «Sessualità», in *Nuovo Dizionario di Teologia Morale*, Francesco COMPAGNONI – Giannino PIANNA – Salvatore PRIVITERA (edd.), San Paolo, Milano 1990.

FAGGIONI, Maurizio, «L'ideologia del "gender". Sfida all'antropologia e all'etica cristiana», in *Antoniano* 90 (2015) 385-401.

SEMEN Yves, *La sexualité selon Jean-Paul II*, Presses de la Renaissance, Paris 2004.

ZIZIOULAS Ioannis, «Comunione e alterità», in ID., *Comunione e alterità*, Lipa, Roma 2016, 1-14.